

Sayad reage à ameaça 6 JUN 1986

dos ingleses. Com ironia.

O ministro do Planejamento, João Sayad, reagiu com indigestão à ironia às declarações do presidente do Conselho Britânico de Comércio Exterior, Christopher Roberts, de que a Inglaterra não restabeleceria os créditos de médio prazo para importações e exportações brasileiras, enquanto o chefe da Assessoria Internacional do Ministério da Fazenda, Álvaro de Alencar afirmava que, se isso acontecer, o Brasil procurará outros parceiros comerciais dispostos a oferecer os financiamentos.

— Não sabemos o que ele comeu, mas não deve ter gostado da comida — disse Sayad, depois de considerar as palavras de Roberts “não relevantes”, porque “não falou de área da sua competência”. Da Inglaterra, “nós só importamos linho e chapéu Panamá, porque os outros países nos fornecem linhas normais de crédito comercial”, acrescentou o ministro, prevendo que mesmo essas compras serão reduzidas drasticamente.

Não precisamos de acordo. A orientação do governo brasileiro é para chegar a um entendimento com os países industrializados, no Clube de Paris, sem o aval do FMI — disse Álvaro de Alencar. Ele confirmou que o Brasil tem débitos atrasados com agências oficiais de financiamento comercial das nações industrializadas, mas observou que foi feita recentemente uma proposta, no Clube de Paris: o Brasil paga uma parte dos juros atrasados e se compromete, a partir de agora a honrar os compromissos em dia.

Com relação a outra exigência inglesa, para o Brasil concordar com a inclusão do setor serviços no âmbito do Gatt, o funcionário do Ministério da Fazenda voltou a lembrar a posição brasileira: antes se deve reforçar o próprio acordo de mercadorias do Gatt, pois a discussão sobre inclusão de serviços não interessa ao Brasil.

Já o ministro interino da Ciên-

cia e Tecnologia, Luciano Coutinho, ao analisar as implicações que traria ao País a adoção das regras do Gatt para o setor de serviços, lembrou que o Brasil tem uma posição firmada pelo menos para o setor de informática, e já a fez conhecida para todo o mundo, ao aprovar uma lei específica no Congresso.

Luciano Coutinho informou que, ontem mesmo, recebeu representantes das empresas japonesas Toshiba e Mitsui, que não descartaram a hipótese de associação minoritária com empresas nacionais do setor de computação, ou do licenciamento de tecnologia para a fabricação de seus produtos no Brasil.

As afirmações do representante do Conselho Britânico de Comércio Exterior, Christopher Roberts, no almoço de despedida do embaixador brasileiro Mário Gibson Barbosa, não provocaram reações no Itamaraty, pois representam antigos pontos de vista dos países desenvolvidos, e não um novo posicionamento. Fontes diplomáticas não quiseram fazer comentários, observando apenas que tais declarações mantêm a coerência das posições dos países industrializados, também sabidamente não aceitas pelas nações em desenvolvimento.